

EXPOSIÇÃO DA VIDA DE CAZUZA NA CENA TEATRAL CARIOCA

Laura Bieites de Araujo (IC-UNIRIO); Marcio Freitas (orientador).

– Departamento de Teoria do Teatro; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: IC-UNIRIO

RESUMO:

Ter o meu primeiro contato com a figura de Cazuza por meio de um musical, no ano de 2013, aos 12 anos de idade, foi extremamente marcante para mim. O caminho daquele teatro (onde muitas lágrimas foram deixadas) para casa foi envolvido de curiosidades: quem era aquele? Onde era possível descobrir tudo o que ele já tinha cantado? E escrito? E dito? A obsessão por Cazuza cresceu em mim e durou alguns anos. Já na idade adulta e diante de uma nova montagem do mesmo musical, dessa vez de dentro do elenco, os questionamentos só aumentavam, a lista de perguntas era imensa, fora a necessidade de comparar e entender tudo: cada linha de suas biografias (extremamente lidas e relidas, marcadas com as mais diversas cores de marca-texto), todas as falas da dramaturgia, o que seus amigos haviam dito em entrevistas, seus segredos de liquidificador espalhados nos poemas, cada um dos detalhes alcançáveis. Esta pesquisa de Iniciação Científica, portanto, busca entender o caminho entre quem Cazuza foi, os registros que existem dessa existência, os relatos de quem esteve com ele e qual parte de tudo isso chegou à dramaturgia e finalmente aos palcos.

INTRODUÇÃO:

O cantor e compositor brasileiro Cazuza (1958-1990) foi uma figura vista como irreverente desde as suas primeiras aparições na cena artística no início da década de 1980. Sendo uma voz forte e que falava abertamente sobre drogas, sexualidade e, posteriormente, sua jornada em relação a AIDS, ele foi polêmico do início até depois do fim de sua vida. Seus oito anos de carreira se refletiram em 126 músicas gravadas por ele, mais de 30 por outros artistas e por volta de 60 inéditas, além de uma grande curiosidade do seu público sobre quem ele foi fora dos palcos, como teria sido o resto de sua vida. Essa foi uma das motivações para sua primeira biografia, lançada originalmente em 1997 por sua mãe Lucinha Araujo. Unindo esse texto original a outros em que ele é mencionado, como a biografia da banda Barão Vermelho, da qual fez parte no início de sua carreira, e entrevistas dadas por outras pessoas próximas ao cantor, surge, em 2013, o musical “Cazuza, Pro Dia Nascer Feliz” dirigido por João Fonseca, baseado no texto de Aloísio de Abreu.

A presente pesquisa questiona, porém, o quanto a visão de cada uma dessas fontes, incluindo a minha própria visão como fã e artista que trabalhou em uma remontagem em 2022, é utilizada na ideia construída sobre ele ao final da montagem. Também se explora a maneira como Aloísio de Abreu transmitiu as cenas narradas por Lucinha Araujo na primeira biografia, como teria sido feita a curadoria de tais cenas diante da importância dos fatos na vida de Cazuza e o que viria de outros tipos de relatos. Investiga-se uma possível intervenção da família na forma como as cenas foram exibidas na primeira montagem, sempre em busca de compreender se o conservadorismo teria interferido na abordagem de temas tabus.

O entendimento das fontes no teatro biográfico é extremamente relevante para entender o objetivo da peça; neste caso, tal entendimento atua para que esteja claro o que o musical tenta fazer ao colocar em pauta uma figura que estava em relevância tantas décadas antes. O que Cazuza poderia transmitir ao pedir “uma ideologia para viver” no alto de um palco em 2013? E como nos é coerente o ver cuspidor na bandeira do Brasil em 2022, repetindo o feito de 1988? Um artista que faleceu em 1990 não tem uma maneira direta de contar a sua história, ela precisa ser repassada por uma junção de relatos, entrevistas e textos e, acima disso, pela curadoria do que é relevante diante disso tudo, do que se quer expor sobre a vida do biografado e porquê.

OBJETIVO:

O objetivo da pesquisa é por entender como Aloísio de Abreu refletiu quem foi Cazuza na obra, “Cazuza, Pro Dia Nascer Feliz” e as diferentes escolhas feitas nas montagens de João Fonseca (2013) e Stella Maria Rodrigues (2022). A análise do musical busca discorrer sobre a forma como as cenas foram exibidas, o que permeava a construção teatral, as decisões de

seus diretores, o que estes atingiram por meio delas, o que da vida de Cazuza foi preservado ou retirado do palco, o que é interessante se mostrar sobre ele e por que ele seria uma boa figura para se colocar em pauta em 2013 e 2022.

METODOLOGIA:

Foi realizada uma pesquisa em fontes bibliográficas e audiovisuais e foi selecionado material tanto sobre a vida de Cazuza, quanto sobre os musicais realizados, gerando uma coleção de elementos para estudo. Foram analisados o texto de Aloísio de Abreu e os vídeos do musical “Cazuza, Pro Dia Nascer Feliz”. Após esta etapa, foi realizada uma comparação analítica entre eles e as informações retiradas das biografias originais, como o livro “Só As Mães São Felizes” (Lucinha Araujo, 2017) e “Ney Matogrosso, a biografia” (Julio Maria, 2021). Foram elaborados materiais escritos comparativos onde discutiu-se as adaptações, as fontes e as diferenças entre as duas montagens (João Fonseca, 2013, e Stella Maria Rodrigues, 2022).

RESULTADOS:

Conforme mencionado anteriormente, durante a pesquisa foram acessados diversos relatos, biografias, entrevistas, vídeos, matérias de jornais, dentre outras fontes de informação tanto sobre a vida de Cazuza quanto sobre as duas montagens do musical. Com ajuda da pesquisa, foi possível observar que Aloísio de Abreu usou o livro de Lucinha Araujo “Só As Mães São Felizes” como fonte principal. Na dramaturgia é possível ler cenas descritas quase identicamente às narradas no livro, como algumas da infância de Cazuza, seu primeiro encontro com Ney Matogrosso, seu debate com sua mãe sobre sexualidade e outras. O recorrente uso da biografia pelo autor abre uma possível discussão: seria uma escolha pessoal por parte dele ter o apoio assíduo da biografia durante a adaptação para sua obra dramática ou uma exigência da família de Cazuza? Não é possível afirmar nada, mas como é descrito em “Ney Matogrosso, a biografia”, João Araujo, pai de Cazuza, já tinha como hábito “ordenado aos funcionários que sumissem com qualquer vestígio de imoralidade” (2021, p. 268), ainda durante a juventude do cantor e é confirmado por Lucinha Araujo em entrevistas dadas à televisão aberta, como em sua ida ao “Encontro com Fátima Bernardes” em 2013, na qual declara que ela e João Araujo haviam acompanhado e opinado no processo de montagem do espetáculo.



Foto por Rony Maltz. 2014. Disponível em

<https://www.saopaulo.com.br/cazuza-pro-dia-nascer-feliz-o-musical-no-teatro-procopio-ferreira/>

Apesar de contar com a mesma dramaturgia, as duas montagens carregam resultados diferentes em muitos aspectos, indo desde seus *flyers* até cenas realizadas de maneiras muito distintas. A primeira diferença gritante vem nos programas de apresentação do musical: a montagem de 2013 conta com um papel grande, com muitos anúncios, no qual todo o elenco e equipe são apresentados, parecendo que se vende diversão; é uma história sobre rock, música, jovens se divertindo (e artistas recebendo patrocínio). Já na versão mais recente (2022), além de um programa de tamanho menor, com menos páginas e poucos oferecimentos de apoio ao numeroso elenco, é exposta uma cena do Cazuza em sua cadeira de rodas, usando um lenço cobrindo o cabelo, já com a aparência magra, um Cazuza sofrendo com a AIDS. A segunda montagem não evita o assunto em seu programa de apresentação, ele é exposto com clareza, ele faz parte da história do cantor e fica anunciado que os momentos mais emotivos não serão evitados.



Foto por: Laiza Nunes. 2022. Disponível em:

<https://www.jb.com.br/cademob/2022/07/1038388-cazuza-pro-dia-nascer-feliz-o-musical-estreia-nova-temporada.html>

Outra diferença entre as montagens ocorre em cena: é claro que com a mudança de diretores (de João Fonseca, em 2013, a Stella Maria Rodrigues, em 2022) aconteceria também uma mudança na compreensão do espetáculo e um exemplo acontece em uma das últimas cenas dos atores no palco. O ator que está no papel do Cazuza entra para agradecer a plateia enrolado na bandeira do Brasil, como o próprio cantor fez ao final do show do Barão Vermelho, banda da qual participou, no Rock In Rio de 1985. O problema é que o cenário político de 2022 tornava a bandeira do Brasil um forte símbolo político da direita, o que além de não ter relação com a intenção de Cazuza à sua época, não condiz com os pronunciamentos políticos dele em vida. Em 2022, portanto, a solução da diretora foi a entrada do resto do elenco com diferentes bandeiras, representando o feminismo, o movimento LGBTQIAPN+, a luta antirracista e um grito de viva ao Sistema Único de Saúde, o SUS, finalizando o espetáculo com o ator que representava o Cazuza enrolado na bandeira do Brasil dizendo que todas aquelas são as bandeiras do país.

CONCLUSÕES:

Apesar de toda pesquisa e especulação, não é possível transmitir tudo que alguém foi em um espetáculo e principalmente em um caso de história póstuma como a do Cazuza, não se sabe, inclusive, qual seria sua opinião sobre isso. Todos os resultados são baseados em vestígios de quem ele foi, do que ele deixou como marca e do que quem conviveu com ele queria mostrar. Diante da pesquisa realizada, conclui-se que o autor Aloísio de Abreu escreveu um texto muito baseado na original biografia sobre a vida de Cazuza, ou seja, a dramaturgia tem uma grande base na visão de Lucinha Araujo sobre o cantor, o biografado é visto, na maior parte do tempo, por olhares maternos, o que não pode ser ignorado.

É possível, também, observar como diferentes diretores trazem diferentes visões do mesmo texto para o palco, levando em conta determinados aspectos, tendo prioridades diversas e produzindo versões que melhor se encaixariam ao seu tempo e em sua distinta realidade. Os temas levantados por Cazuza se provam ainda muito atuais e necessários, o que faz com que ambas as montagens fiquem protegidas da obsolescência.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Aloísio. Cazuza, Pro Dia Nascer Feliz – o musical. Texto teatral, junho/2019.
- ARAUJO, Lucinha. Cazuza: Só as mães são felizes. Rio de Janeiro: Globo, 2016.
- ARAUJO, Lucinha. O tempo não para: Viva Cazuza. Rio de Janeiro: Globo, 2011.
- BULHÕES-CARVALHO, Ana Maria de. Por um teatro de apropriações: o musical biográfico carioca. Revista Sala Preta, USP, v. 10, 2010.
- ESTEVES, Gerson da S. A Broadway não é aqui: Panorama do Teatro Musical no Brasil. São Paulo: Giostri, 2015.
- MARIA, Julio. Ney Matogrosso, a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- NEVES, Ezequiel; PINTO, Rodrigo; GOFFI, Guto. Barão Vermelho: Por que a gente é assim. Globo Livros, 2007.
- WERNECK, Maria Helena. Arquivos e operações críticas: o colecionador e o curador. O Percevejo n 13, 2004, p. 301-311.